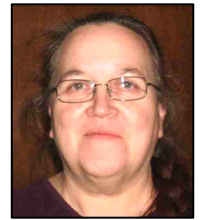


Intercâmbio Internacional de uma Instituição Francesa (ADAPEIM) para a APERCIM



Numa das reuniões dos Repórteres Atrevidos, foi decidido que seria interessante contactar uma instituição semelhante à APERCIM, mas no estrangeiro. Seleccionou-se a ADAPEIM que se situa na Meuse, em França. Aproveitou-se o facto de termos Internet na Sala do Jornal para trocarmos alguns e-mails com a nossa correspondente em França, Anne-Marie Waldschmidt.

Chamo-me Anne-Marie Waldschmidt e há 23 anos que trabalho para a ADAPEIM (Associação Distrital dos Amigos das Crianças Inadaptadas da Meuse).

Sou psicóloga. Mas como, no início não encontrava trabalho nessa área, dei formação no secretariado em Nancy. Quando cheguei a Verdun, o meu marido, que já trabalhava na ADAPEIM, tomou conhecimento que havia uma vaga para trabalhar no lar. Entrei para a Associação e lá fiquei. E foi o contacto com as pessoas portadoras de deficiência que me deu vontade de trabalhar com elas.

Fui contratada como aluna candidata a educadora e passei por um instituto de formação durante 3 anos. Esta formação de Educadora Especializada, na altura, não tinha nenhuma especialização. Na altura, estudava-se tanto os problemas de alojamento, de pobreza, as diversas deficiências, as doenças mentais, bem como as perturbações de comportamento. Actualmente, já existe uma especialização. Neste momento, intervenho como formadora num módulo conhecido como Unidade de Formação de Especialização.

Quais são os seus métodos de trabalho?

É pouco provável utilizar um só método para cada deficiência porque, no lar, mesmo que existissem semelhanças entre certas pessoas, são todas diferentes, como qualquer ser humano. No entanto, tentamos respeitar cada indivíduo, considerá-lo como sendo um adulto, porque alguns reagem como crianças. No que me diz respeito, tenho lutado pelos seus direitos à cultura e pela descoberta do mundo exterior graças à Internet, por exemplo.

Trabalho muito com a linguagem simples e clara, pictogramas e fotos, visto que muitos deles não sabem ler. Para os que sabem, faço os possíveis para que eles conservem os seus conhecimentos, por exemplo, a escrita através da utilização da Internet no seu dia a dia.

No campo do autismo, tentamos cada vez mais aproximar-nos do programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicaped Children), com a ajuda de mapas que contêm fotos da vida diária do doente, para ajudá-lo na sua organização. Mas, não tendo a formação específica TEACCH, apenas podemos aproximar-nos deste método. Também utilizamos a **musicoterapia**.

Como é que se faz a integração dos utentes da vossa Instituição na Sociedade?

Tentamos integrar os nossos residentes através de diligências que podem fazer sozinhos graças a actividades que praticam no exterior. Como por exemplo, na Casa dos Jovens e da Cultura de Verdun, ou clubes locais de desporto, alguns praticam ginástica, outros dança,... Existe, também, um Clube de Marcha que acolhe um grupo do lar com a sua educadora. Temos um residente que pratica remo no rio Meuse. Uma vez por ano, fazemos uma integração em sentido contrário, convidamos as pessoas do bairro a almoçar, a lanchar ou a jantar connosco na Instituição.

Como já referi, utilizamos também a Internet. O meu marido criou uma lista de divulgação para pessoas com deficiência que se chama LIDIE (Lista de Divulgação Inter Associações). Esta lista agrupa pessoas portadoras de deficiências mentais, jovens e menos jovens, pessoas desejosas de se corresponderem com outras, portadoras ou não portadoras de deficiência. Temos como contacto uma directora dum jornal francófono em Vancouver, no Canada e o Director Nacional do Desporto Adaptado, no Camarão (Africa).

- **Método TEACCH**

Método desenvolvido em 1965 no seio dum grupo psicanalítico na Universidade de Carolina do Norte, em Chapel Hill, partindo do princípio de que os **autistas**, em geral, aprendem melhor por visualização, apreciam rotinas e não são receptivos a surpresas.